

FORMANDO JOVENS E DINAMIZANDO BIBLIOTECAS

ANA MARIA SÁ DE CARVALHO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ), DÉBORA ADRIANO SAMPAIO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ).

Resumo

Trata-se de uma experiência realizada por duas professoras, com oficinas de formação de mediadores de leitura e de dinamização de uma biblioteca, numa comunidade com um histórico de violência acentuado. As referidas professoras tinham como missão preparar jovens adolescentes para o desenvolvimento de habilidades mediadoras de leitura no bairro e capacitá-los, não só para compreender a biblioteca como espaço de criação e inovação da leitura e da escrita, mas como um espaço de interação social, além de habilitá-los para organizar e dinamizar a biblioteca da comunidade. As ações pedagógicas basearam-se num referencial que priorizava a interação dos atores e a recepção de cada indivíduo participante do treinamento. A oficina foi dividida em três partes: a) formação do mediador da leitura; b) habilitação para organização e dinamização da biblioteca; c) aquisição do acervo. Relata as dificuldades de acesso ao local da biblioteca e da oficina, bem como o processo de formação de mediadores de leitura que, sendo adolescentes, careciam de uma formação mais desejável do ponto de vista ético. Refere-se também, à euforia dos participantes nas livrarias, quando da seleção dos livros que deveriam compor o acervo da biblioteca. A conclusão apontou, sobretudo, a transformação ocorrida em relação à visão de mundo do grupo, agora mais ético e com a percepção da biblioteca como instância de ações transformadoras por meio da informação e do conhecimento.

Palavras-chave:

Biblioteca, Educação, Mediação de Leitura.

INTRODUÇÃO

Cientes dos problemas educacionais da atualidade que dizem respeito, sobretudo, as dificuldades com leitura, e sua repercussão negativa na sociedade, somando-se a isso as diversas formas de violências enfrentadas pela população brasileira e côneos do poder da leitura como fundamento de transformação social, aceitamos a proposta de desenvolver uma oficina para a formação de mediadores de leitura e de dinamização de uma biblioteca, com jovens de uma comunidade com histórico de violência acentuado.

A referida oficina integrava um projeto de formação de 20 adolescentes, para atuarem como agentes de leitura, buscando-se fomentar, no âmbito da comunidade, o gosto pela leitura através de atividades lúdicas e criativas incluindo, também, a estruturação de uma biblioteca comunitária.

Conscientes do papel pedagógico inerente a professores e bibliotecários, e com a percepção da complexidade de exercer este papel numa sociedade tecnicista, produtivista, competitiva além de herdeira das correntes filosóficas

cartesiana e positivista, estas caracterizadas pelo esfacelamento do conhecimento humanístico ao desconsiderar o contexto em que o mesmo é elaborado, esquecem o elo que une os elementos universais, e sobrepõem a razão em detrimento do homem como um ser na sua inteireza: físico, racional, intuitivo, emotivo. Isto posto, tentamos traçar um percurso de práticas de leitura que levasse o grupo a pensar conjuntamente, refletindo nas suas “relações entre corpo e espírito e, nesse sentido, a emoção é um intelecto, assim como todo intelecto é um sentimento (PENA-VEJA; STROH, 1999, p.191)”. Objetivamos assim, já que estamos vivenciando a busca de novos paradigmas, em substituição àqueles que não aceitamos mais, experimentar ações pedagógicas inovadoras, criando desta maneira, um contraponto que amplie a percepção de mundo dos adolescentes envolvidos, para que os mesmos se tornem capazes de compreender as estratégias disponíveis de superação da realidade vivenciada, na certeza de que a leitura é um caminho agradável e pertinente.

Afastamo-nos assim, do pensamento clássico, no meio de incertezas e perplexidades, ante o inesperado, buscando o pensamento de Morin (1999, p.28) que investe na unificação e, ao mesmo tempo, nas diferenças. Vejamos, abaixo, como ele se expressa:

O sistema, como já foi dito – o todo - , é mais que a soma das partes, isto é, no nível do todo organizado há emergências e qualidades que não existem no nível das partes quando são isoladas. Tais emergências podem retroagir sobre as partes: a cultura é uma emergência social que retroage sobre os indivíduos, lhes dá a linguagem e o saber, e, por isso, os transforma (MORIN, 1999, p.28).

Considerando como Morin a imensa potencialidade da linguagem e do saber, e a leitura como um poderoso instrumento de transformação, fomos buscar em Bakhtin e Vygotsky, estudiosos da área, subsídios para nossa atuação.

Com o dialogismo de Bakhtin pretendemos iniciar com os participantes uma outra visão de mundo, esclarecendo os pontos obscuros deixados pelas

leituras do texto e do mundo. Pontos obscuros que vão tomando formas, na medida em que acontecem os diálogos, as interrogações, as escutas, as falas, etc.

Quanto ao método utilizado, nos baseamos no pensamento de Vygotsky (1994, p.80) com relação à abordagem dialética, enquanto admite que:

“ a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através das mudanças nela provocadas, novas condições naturais para sua existência.”(VYGOTSKY,1994:80)

Na crença de que a ação humana tem poder transformador da natureza e do social, e que “todas as funções superiores originam-se nas relações reais entre indivíduos humanos” (VYGOTSKY, 1994, p.75), utilizamos como instrumento de trabalho a leitura de textos, o registro escrito, o diálogo, visita a bibliotecas, livrarias e centros culturais, favorecendo assim, a troca de informações, visões individuais de mundo e a interação do grupo. Acreditamos, portanto, que a interação dialética entre o homem e o contexto sociocultural é mediada pelo uso do sistema de signos resultando em transformação individual, e do contexto no qual o homem está inserido.

Ao registro escrito chamamos de portfólio, diferenciado do diário porque aquele requeria o compartilhamento com o grupo, além de constituir-se de pensamentos, idéias, vivências, textos selecionados e semantizados.

No item “Formando leitores” fizemos um resgate de todo nosso percurso direcionado ao preparo de adolescentes para serem mediadores de leitura; registramos as dificuldades para atingir essa população e de que maneira conseguimos sensibiliza-los no intuito de que nossas leituras compartilhadas pudessem contribuir para o alcance dos objetivos propostos. Seguem-se os passos percorridos em busca da dinamização da biblioteca comunitária, já iniciada. Uma reflexão para encerrar o trabalho completou a riqueza informacional deste texto.

2 A FORMAÇÃO DE MEDIADORES DE LEITURA

Aceitamos pois, o desafio de promover a leitura na comunidade e dinamizar sua biblioteca. Organizamos encontros semanais para a formação de jovens mediadores de leitura com participação de oito a quinze jovens, entre treze e dezenove anos de idade escolhidos, sobretudo, entre aqueles atendidos pelos projetos da ONG, que atuava na comunidade, e os que se sentiam motivados a contribuir com o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Esse momento foi de grande relevância na seleção de metodologias aplicadas a formação de mediadores de leitura, metodologias que deveriam estar voltadas para capacitação de jovens para atuarem em suas escolas, nas suas famílias e em bibliotecas, principalmente a da sua comunidade.

Nosso passo inicial foi através de uma conversa informal para conhecer os participantes, nos seus anseios, resultando disso um compartilhamento de informações de cunho bastante particular da vida de cada um, demonstrando a carência de espaços de diálogo daqueles jovens. Com esses dados, sentimos dificuldades na abordagem de temáticas relativas, especificamente, à leitura, temática esta inserida nos objetivos do Curso. Concluímos que teríamos que nos utilizar de abordagens que levassem os jovens a uma troca constante de informações e reflexões sobre essas informações. Optamos por iniciar com a contação de histórias de vida do cotidiano de cada um. Primeiramente, pedimos para os participantes descreverem situações que marcaram e/ou marcam suas vidas, e suas leituras mais significativas. Com o compartilhamento dessas histórias, e por meio delas, selecionamos os textos que estavam em sintonia com o narrado pelo grupo, visando às leituras coletivas, individuais, em voz alta e comentários das mesmas, pois acreditamos que

A leitura apresenta-se na vida do ser humano através da escrita, de gráficos, bate-papos entre amigos, através de uma paisagem, da pintura, de textos formais ela sempre irá desafiá-lo, porque na medida em que ele – o leitor – a descobre, desenvolve-se a necessidade de continuar o caminho. Se seu desejo for o de enriquecer e aprimorar seu conhecimento, é também através da leitura que o mesmo vai realizar o seu objetivo. (MACÊDO, 2008?)

Com base nos relatos dos jovens que só se referiam às preocupações amorosas, resolvemos discutir textos sobre a temática “Amor”, ora, selecionados por nós, ora trazidos pelos próprios participantes. Aproveitando o ensejo e a estimulação sobre o assunto, instigamos a exposição de opiniões pessoais, a partir de suas experiências particulares. O envolvimento foi tanto, que não conseguimos sair desse tema para discussões mais específicas ligadas àquelas necessárias ao mediador de leitura. Confessamos a nossa impotência e frustração perante os objetivos, por nós propostos. Somente tivemos consciência dos resultados alcançados quando, no último encontro escutamos os depoimentos daqueles

jovens. Dois deles foram tão ricos que merecem ser aqui citados, dispensando os demais.

Uma das adolescentes compartilhou com o grupo uma decepção amorosa que quase a levou a assassinar o próprio namorado. Ao relembrar esse fato, nos declarou que tais atitudes - sentimento e comportamento - que ela não conseguia dominar, estavam dando espaço à compreensão e ao respeito pelo Outro. Informou-nos, também, que estava de casamento marcado, sendo isso resultado da aprendizagem por meio da leitura. Finalizou seu depoimento, dizendo que a leitura havia transformado a sua maneira de ver o mundo.

Outra jovem, muito educada e trabalhadora, atuante nas ações sociais da comunidade, ao ser solicitada a fazer uma avaliação dos nossos encontros nos contemplou com uma fala que, de igual modo, também, levantou nosso ânimos, com relação ao trabalho com jovens de comunidades violentas como aquela. Contou sua história dizendo que ela desejava ter namoros mais duráveis, como a maioria das amigas, mas não conseguia. Então, um rapaz se apaixonou por ela e esse seria o momento para investir numa relação duradoura. Entretanto, a jovem nos contou que havia rompido o namoro, porque não gostava do rapaz, mas como havia descoberto, naqueles encontros, que deveria respeitar o sentimento do Outro, e não desejava mais enganá-lo, resolveu romper com o relacionamento propondo se tornarem grandes amigos.

Aprendemos, na prática, que a liberdade de escolha e seleção de metodologias e de textos são caminhos para a transformação, nos possibilitando entender o texto, não em sua individualidade, mas articulado numa rede em que estabelece contatos interativos com o contexto vivido e o receptor. Nesse sentido, a relação texto-leitor se assenta no caráter processual da leitura, que precisa ser vista como unidade constitutiva. Assim temos:

A tese da reciprocidade das perspectivas que aponta uma marca básica da situação interpessoal cotidiana, não só acentua a contribuição mútua dos parceiros, mas também o caráter constitutivo, tanto dos interlocutores em sua subjetividade e sociabilidade, quanto da própria situação que resulta de um processo de ajustamento e reconstrução durante e em função da interação. (VAZ, 1995).

Nesta perspectiva de Vaz (1995), temos a leitura como uma atividade que representa o modelo social de um processo participativo na construção de cultura, incluindo a formação e o intercâmbio de juízos nos receptores e nas trocas intersubjetivas, influenciando o comportamento e relações interpessoais. Concordamos, dessa forma, com o pensamento de Macêdo (2008?): “ler é uma forma de aprender. A leitura nos aproxima da cultura, do mundo de significados criando em nós novas expectativas e opiniões.”

As atividades que norteiam o processo de formação de mediadores de leitura devem seguir orientações múltiplas. Podemos citar, entre outras, as expectativas mútuas que dependem de histórias de vida, de papéis, de processos de socialização e de conteúdos da experiência.

Mas afinal, como podemos conceituar o mediador, este personagem tão importante no contexto educacional e cultural? O conceito que nos interessa e sob o qual desenvolvemos esta reflexão, não está ligado àquele que tem comprometimento com o sistema formal de ensino, àqueles que não seguem as normas e os objetivos que regulam a situação institucional, mas àqueles que estejam entrelaçados a objetivos tais como: contribuir para que crianças e adolescentes, jovens e adultos, aprendam com as práticas de leitura, a contação de histórias, a construção e compartilhamento de experiências individuais e coletivas, estimulando a aquisição de conhecimento para que, socialmente, colem, processem, relacionem e produzam novas informações, capazes de ampliar seu repertório sócio-cultural, como reflete Vigotsky (1995), ao trabalhar a idéia de mediação.

A proposta deste projeto de Formação de Mediadores de Leitura apresenta resultados significativos, que não se limitam apenas aos participantes, mas está inserida num processo de multiplicação. Contribui com o desenvolvimento dos jovens, ao mesmo tempo em que incentiva a disseminação de conhecimentos que aprimoram a expressão oral e escrita, assim como a capacidade de construção de valores.

Assim, os impactos da proposta se ampliam na medida em que a mediação de leitura ocupa outros espaços na comunidade, descobrindo novos meios de construção de conhecimento a partir da interação com o outro, e conseqüentemente, mais capacitados e motivados para ler e escrever.

Ler por prazer, ler para compreender as relações que se estabelecem na sociedade, como diz Freire (1982), “a leitura da palavra precede a leitura do mundo”. A leitura deve possibilitar uma visão crítica da realidade social e dos problemas ali existentes para que o sujeito-leitor possa constituir-se, compreendendo o motivo das coisas como resultado de uma prática historicamente construído.

PRÁTICAS PARA DINAMIZAÇÃO DA BIBLIOTECA

Na certeza de que a missão de preparar jovens adolescentes para o desenvolvimento de habilidades mediadoras de leitura no bairro; de capacitá-los para compreenderem a biblioteca como espaço de criação e inovação da leitura e da escrita; e também de dotar-nos de um espaço de interação social, chegou o momento do investimento empírico, ou seja, de habilitá-los para organizar e dinamizar a biblioteca. É o momento, portanto, em que a prática os transformará em mediadores da leitura na comunidade, ao mesmo tempo em que essa mesma prática investirá na significação desse aparelho cultural: a biblioteca da instituição, abrindo suas portas à população local.

O local oferecido para a realização da oficina, constava de variados espaços de vivências sócio-educacionais disponibilizados aos jovens e adolescentes do bairro, incluindo um embrião de biblioteca cujo acervo, embora mínimo, era composto de temas variados, sobretudo livros infanto-juvenis e romances, além de outros temas de interesse dos frequentadores desse espaço cultural.

A nossa preocupação maior, não foi com a organização do acervo, mas com a sua dinamização, levando em conta que a biblioteca em pauta, oferece um acervo, ainda pequeno, e organizado por tema que atende a demanda.

Aos nossos objetivos delineados interessa, sobremaneira, que a sua dinamização esteja de acordo com as possibilidades de leitura da comunidade que é o público-alvo, proposto.

Quanto à organização, orientamos sobre o arquivo nas estantes que, logicamente, prioriza a aproximação de temas semelhantes, assim como os livros dos mesmos autores ficarão lado a lado.

Como o projeto dispunha de uma verba para compra de livros, visando enriquecer a biblioteca já iniciada, planejamos a aquisição desse acervo com a

colaboração dos participantes, o que nos apontou ter sido uma ação pedagógica interativa e de um retorno sócio-educativo riquíssimo.

Por meio de exposições verbais e diálogos, abordando o tema da relevância da seleção e da atualização do acervo de uma biblioteca comunitária; enfatizando a coerência entre os objetivos da biblioteca comunitária e os anseios dos seus usuários reais e potenciais, procuramos torná-los aptos a selecionarem, eles próprios, o novo acervo a ser adquirido. Relembramos sempre,

Turma motivada e com noções básicas para cumprir uma das significativas tarefas do mediador de leitura, que é selecionar um acervo condizente com seus leitores marcamos juntamente, com a turma, um dia para visitar a maior, e considerada uma das melhores livrarias da cidade, situada num de nossos maiores shoppings. Este foi selecionado, propositalmente, porque descobrimos que os alunos não conheciam esse ícone de sua cidade, assim como nunca haviam visitado uma livraria, além de não saberem, também, a diferença entre biblioteca e livraria. Entendemos que a leitura de um aparato comercial típico da atualidade faz parte do enriquecimento cultural de um cidadão, ampliando assim, a sua visão de mundo, daí a razão dessa escolha. Torna-se necessário, portanto, que esse mesmo cidadão saia de seu espaço e visite outros espaços físicos de sua cidade, alargando dessa maneira, a percepção do seu entorno.

Embora, o planejamento de atividades e ações estejam, sempre, inclusos nos resultados que esperamos obter, a visita ao shopping e a livraria, excedeu as nossas expectativas. O fato que mais nos chamou a atenção foi o momento em que os jovens se depararam com livros contendo temas que lhes diziam respeito. A emoção e a alegria deles contagiaram, transformaram-se em momentos mágicos, embora fugazes que, certamente, deixaram marcas indeléveis. Identificamos, nesse momento, o pensamento sociointeracionista presente, pensamento este selecionado para apoiar este trabalho, pois sentimos que a construção de conhecimentos que ora se processa, implicava realmente, nas ações que estavam sendo compartilhadas, pois as relações entre participantes e objeto de estudo foi uma constante no grupo.

Registramos que a cultura alimentar faz parte da nossa maneira de viver, de nossos hábitos e costumes. Sendo assim, um almoço no shopping fez parte do projeto cultural que desenvolvemos. Observamos que a maioria dos alunos desconhecia os "self services", um fenômeno cultural da atualidade, assim como, o vínculo interativo que havia surgido entre eles. Ajudaram-se, mostraram aos

companheiros o que sabiam, e chegaram, até mesmo, a oferecer a sua cota para almoço, àqueles mais desprevenidos, àqueles que excederam às cotas que lhes haviam sido disponibilizadas para essa refeição.

A nossa leitura nos aponta um dia mágico durante o qual os participantes do Projeto Tecendo o Amanhã da Leitura, interagiram com o entorno, com os livros, com os títulos chamativos, com o pessoal envolvido na aquisição de livros. Nessa dialética, nossos jovens estavam tecendo o amanhã da leitura na comunidade em que estão inseridos.

REFLEXÕES FINAIS.

As professoras acima referidas tinham como missão, preparar jovens adolescentes para o desenvolvimento de habilidades mediadoras de leitura no bairro, e capacitá-los, não só para compreender a biblioteca como espaço de criação e inovação da leitura e da escrita, mas também como espaço de interação social, além de habilitá-los para organizar e dinamizar a biblioteca comunitária. Sendo assim, na finalização deste trabalho faz-se necessário algumas reflexões que poderão servir de alerta para outras ações semelhantes, inclusive para reforçar a necessidade de construções paradigmática na Educação.

O convívio com os jovens participantes do Projeto Oficina de Leitura Tear de Palavras nos apontou, de maneira muito forte, que tema e metodologia devem, sempre, ser discutidos e selecionados pelo grupo em pauta evitando-se assim, que os objetivos perseguidos não sejam alcançados. O espaço dialógico disponibilizado possibilitou desenvolver nossa percepção relativa aos anseios do grupo, cujos problemas emocionais relativos a namoros e relacionamentos sentimentais ocupavam um lugar que não cedia espaço para o mundo real. Ao penetrarmos no mundo vivenciado desse grupo, com textos românticos e apaixonados de autores consagrados, para serem compartilhados e discutidos conosco, escutamos depois de alguns dias e de múltiplas falas, algumas que indicavam o despontar de novas crenças paradigmáticas. Foi aí que percebemos que o nosso autoritarismo de professor, ao apresentar um programa disciplinar sem conhecer o nosso público. Nesse sentido, não podemos deixar de perseguir novos paradigmas sob pena de perdurar, em nosso País, a tradição da injustiça social, tão abrangente quanto nefasta.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se complementam.**

36.ed.São Paulo: Cortez, 1982

MORIN, Edgar. Por uma reforma do pensamento. In: PENA-VEJA, Alfredo NASCIMENTO, Elimar Pinheiro (Orgs). **O Pensar complexo:** Edgar Morin e a crise da modernidade. 3.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MACEDO, Nilza Isaac de; AZEVEDO, Cleomar. O professor e a mediação da leitura e da escrita. UNIFIEO-REVISTA DA PÓS-GRADUAÇÃO, v. 2, p. 215-225, 2008.

PENA-VEGA, Alfredo; STROH, Paula. Viver, compreender, amar. Diálogos com Edgar Morin. In: PENA-VEJA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro (Orgs). **O Pensar complexo:** Edgar Morin e a crise da modernidade. 3.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

VAZ, Paulo Bernardo; OLINTO, Heidrun Krieger; DAUSTER, Tânia. **Leitura e leitores.** 2. ed. Rio de Janeiro: PROLER, 1995. (Ler & Pensar, 1).

VYGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.